

DIA NACIONAL DE TEREZA DE BENGUELA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AÇÃO REALIZADA POR INTEGRANTES NEGRAS DO COLETIVO HILDETE BAHIA

**KELEN FERREIRA RODRIGUES¹; RAFAELA VICTÓRIA DA ROCHA FERREIRA
SILVA²; MATHEUS DOS SANTOS RODRIGUES³; TAÍS ALVES FARIAS⁴;
CHRISTIELE LOPES DA LUZ⁵; MARINA SOARES MOTA⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas – ferreirarodrigueskelen@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelavictoriia@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – matheunxrodrigues@gmail.com ⁴

Universidade Federal de Pelotas – tais_alves15@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – cristieleluz@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No dia 25 de julho, mundialmente é celebrado o dia internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, como marco da força e união das mulheres negras, indígenas e tradicionais, sendo uma data para atividades que discutam as lutas, avanços e retrocessos na vida dessas mulheres. No Brasil, por meio da Lei nº 12.987, a data homenageia Tereza de Benguela líder quilombola no século XVIII conhecida pela sua comunidade como "Rainha Tereza", que é um exemplo de força, resiliência e organização para muitas mulheres, que resistiram e sobreviveram às duras realidades do período escravocrata, cujo nome foi negligenciado pela historiografia nacional gerando assim um apagamento histórico (RODRIGUES, 2022).

Conhecida por sua resistência à escravidão no Brasil, após a morte de seu marido, Tereza assumiu a liderança do Quilombo de Quariterê, localizado no atual estado do Mato Grosso, onde comandou uma comunidade composta por negros e indígenas. Sob sua liderança, o quilombo desenvolveu uma estrutura social e política organizada, com um sistema de defesa e agricultura que por 20 anos resistiu à opressão colonial até que infelizmente foi destruído pelas forças militares. A imagem de Tereza tornou-se um importante símbolo de luta e resistência das mulheres negras (SBMFC, 2021), sendo até os dias atuais uma figura com representatividade muito marcante para essa população em questão.

Em 1992, diante dos dados alarmantes sobre violência e desigualdade revelados pelo Mapa da Violência, especialmente no que tange à condição da mulher negra, um grupo decidiu que era necessário se organizar para enfrentar essa realidade, esse grupo era formado por mulheres negras, que mais tarde se apresenta como Rede de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-Caribenhas. Reconhecendo que a solução deveria emergir da união entre as mulheres negras, esse coletivo se formou para reverter essa situação que afetava massivamente esta população (ALEGO, 2022, BRASIL, 2019).

Neste contexto, as mulheres negras têm desempenhado um papel central em mudanças sociais significativas no país, especialmente no combate à violência e às desigualdades raciais. Em 2022, informações divulgadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), revelam que a sociedade é composta majoritariamente por pessoas negras, com um total de 119,75 milhões de indivíduos, dos quais mulheres pretas e pardas representaram

cerca de 56% da população geral, sendo entre as mulheres negras, as pardas que constituem mais de 81% (BRASIL, 2023).

Quando falamos em questões raciais direcionados ao ensino, o número de estudantes negros no ensino superior teve um aumento de 34,2% em 2003 para 51,2% no ano 2018. Entre as mulheres, as de raça negra aumentaram de 22,3% em 2012 para 28% no ano 2017, se aproximando da participação de mulheres brancas, que diminuiu de 34% para 28,9% no mesmo período (SILVA, 2020).

A invisibilidade das mulheres negras reflete a marginalização histórica que elas enfrentam em diversos espaços sociais. Ações que discutem suas condições de vida são essenciais para fortalecer suas lutas, promovendo equidade e reconhecimento.

Diante do exposto, o presente resumo objetiva-se relatar de uma ação feita pelas integrantes do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde em uma ação sobre o dia de Tereza de Benguela.

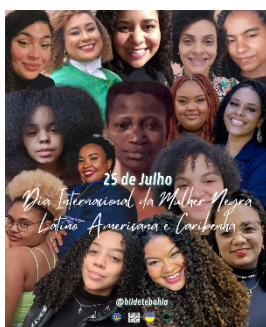
2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de uma ação, publicada na rede social Instagram, onde as mulheres negras integrantes do projeto de extensão Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde da Faculdade de Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas, relataram suas vivências enquanto mulher negra. As participantes são em sua maioria do curso de Enfermagem, sendo 1 integrante do Curso de Terapia Ocupacional e 1 do Curso de Fisioterapia, contabilizando 8 acadêmicas, 5 Enfermeiras que estão na pós graduação como Mestrado e Doutorado, além da Coordenadora do Coletivo que é Enfermeira, Doutora e professora na Faculdade de Enfermagem.

Como homenagem ao Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e a Tereza de Benguela foi criado um card no dia 24 de julho de 2024 também conhecido como "post" ou "imagem gráfica", que é uma peça visual composta por texto, imagens ou ambos no aplicativo Canva e depois foi publicada na rede social Instagram. (SOUZA, 2023).

Para a construção do card foi realizada uma pergunta como ponto de partida para o desenvolvimento dessa publicação: "O que as mulheres do nosso Coletivo Hildete Bahia pensam: como é ser uma mulher negra para você?". Após as respostas das integrantes, foi possível observar os relatos e construir o post. O card apresentava na capa, a foto das integrantes negras do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde, e como imagem principal a figura da mencionada Rainha Tereza de Benguela. Todas as ações foram feitas pela bolsista de extensão do Coletivo Hildete Bahia

Figura-1



Fonte: Integrantes do Coletivo Hildete Bahia e Tereza de Benguela (SILVA, Rafaela Victória Rocha Ferreira, 2024).

O post criado visou ampliar a discussão sobre diversidade, resistência, ressaltando a necessidade de visibilidade e respeito pela ancestralidade e identidade das mulheres negras. Assim ele homenageia as contribuições de uma mulher negra dentro da história e as do seu cotidiano reforçando a importância de continuar a luta por reconhecimento e igualdade, conforme destacado por : “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2016).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A postagem foi realizada no dia 25 de julho de 2024 e teve 171 curtidas, os comentários realizados na publicação referenciam a importância da autovalorização da mulher, todos muitos orgulhosos com suas trajetórias, cujo os relatos da publicação ressaltam a força da mulher negra diante dos desafios e estigmas diários, eles destacavam o orgulho de sua identidade e como a ancestralidade negra é uma parte essencial de sua existência, por hora invisibilizada. Ser mulher negra é viver com uma resiliência extraordinária, enfrentando preconceitos e adversidades, ao mesmo tempo em que mantém uma conexão profunda com sua história e cultura. Trata-se de uma experiência marcada por coragem e resistência constante, refletindo uma luta incessante por reconhecimento, justiça e igualdade (BRASIL, 2023).

A invisibilização das mulheres negras no Brasil continua na atualidade, entretanto tem-se buscado recontar a história do país e ampliar as narrativas que revelam a formação sociopolítica brasileira, esses avanços são fruto do engajamento dos movimentos sociais e de pesquisas que resgatam documentos que anteriormente eram poucos explorados, trazendo representatividade para essas mulheres. (CARNEIRO, 2011)

Neste contexto trouxemos duas citações dos relatos que foram publicados, os mesmos falam sobre o que é ser mulher negra em distintas expressões. “Ser uma mulher negra é honrar todos os dias o sangue das minhas ancestrais que batalharam muito. “Para mim, ser uma mulher negra é uma jornada de resistência diária em diferentes espaços...”

Em resposta à publicação, recebemos muitos retornos de alunos da universidade que acompanham o coletivo pelas redes sociais. Muitos afirmaram que os relatos foram de extrema importância para que pudessem compreender melhor o que significa ser uma mulher negra e as barreiras que enfrentam, especialmente em um ambiente universitário, que, assim como muitos outros, é predominantemente branco. Dentro disso o post

O empoderamento, ao ser associado à raça, transforma-se em um agente de um danças sociais para a população negra, permitindo que essas pessoas assumam o protagonismo de suas histórias. Não mais apenas sujeitas a narrativas impostas, elas passam a narrar suas próprias vivências. Através do autoconhecimento, da luta por direitos e de questões estéticas, o empoderamento negro se torna uma força antirracista, simbolizando resistência e consciência

coletiva. "A exposição positiva das realidades negras empodera e ressignifica trajetórias, criando novas possibilidades de existência" (GOMES, 2017).

4. CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho evidenciou a importância de valorizar e reconhecer a história e a luta das mulheres negras no Brasil destacando a figura emblemática Tereza de Benguela na resistência contra a opressão e na formação sociopolítica da região. A criação do card para o Instagram, com o relato das mulheres negras do Coletivo Hildete Bahia, ilustrou a força, resiliência e coragem dessas mulheres diante dos desafios diários, da exclusão e do racismo.

As atividades realizadas visaram ampliar a discussão sobre diversidade, saúde e práticas sociais, ressaltando a necessidade de visibilidade e respeito pela ancestralidade e identidade das comunidades negras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGO. **Instituído em 1992, o Dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha é celebrado para dar visibilidade à causa desse grupo étnico.** Goias, 2022. Disponível

em:<<https://portal.al.go.leg.br/noticias/126662/instituido-em-1992-o-dia-da-mulher-negra-latina-e-caribenha-e-celebrado-para-dar-visibilidade-a-causa-desse-grupo-e-tnico#:~:text=A%20mulher%20negra%20%C3%A9%20s%C3%ADmbolo,primeiro%20encontro%20na%20Rep%C3%ABlica%20Dominicana.>> Acesso em: 11 set, 2024.

BRASIL. Ministerio da Cultura. Fundação Cultura Palmares. **25 de julho – Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.** Brasília, 2019. Disponível

em:<<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/25-de-julho-2013-dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha#:~:text=Americana%20e%20Caribenha-,25%20de%20julho%20%E2%80%93%20Dia%20Internacional%20da,Negra%20Latino%2DAmericana%20e%20Caribenha&text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20negra%20no%20Brasil,pessoas%20se%20identificam%20como%20afrodescendentes.>>. Acesso em: 18 set, 2024.

Ministerio da Igualdade Racial. Informe MIR, Monitoramento e Avaliação. N° 2- Edição Mulheres Negras. Brasília, 2023. Disponível em:<<https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/informe-edicao-mulheres-negras.pdf>>. Acesso em: 1 set, 2024.

Ministerio Publico do Estado de Alagoas. **Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha marca a luta por direitos e representatividade.** Alagoas, 2023. Disponível em:<<https://www.mp.al.mp.br/?p=28884>>. Acesso em: 2 set, 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

SILVA, Rafaela Victória Rocha Ferreira. **Integrantes do Coletivo Hildete Bahia e Tereza de Benguela**. Pelotas, 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p.115.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 208 p.

MONT'ALVÃO NETO, Arnaldo Lopo. Tendências das desigualdades de acesso ao ensino superior no Brasil: 1982-2010. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 417-441, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O'Que é lugar de fala?**. Local de Edição: Belo Horizonte (MG) Letramento, 2017.

RODRIGUES, Bruno. A luz de Tereza de Benguela não apagará:: o dito e o não-dito pelas fontes históricas. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 19, n. 1, p. 494-513, 2022.

SBMFC. **Tereza de Benguela**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.sbmfc.org.br/tereza-de-benguela/>>. Acesso em: 18 set, 2024.

SILVA, Tatiana Dias. Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente. Texto Para Discussão, 2020.

SOUZA, M. "A importância dos cards em campanhas digitais". **Revista Comunicação Digital**, 2023.